

# MUSEU DA PESSOA E SUA REDENÇÃO EM TEMPOS GLOBAIS: DIÁLOGO ENTRE WALTER BENJAMIN E O POETA MANOEL DE BARROS

ANGELINA CORTELAZZI BOLZAM<sup>1</sup>  
JOSÉ AILTON CARLOS LIMA CORREIA<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo<sup>3</sup> reflete a autenticidade do Museu da Pessoa (1991), o qual se compreende no paradoxo: espaço cultural pelo compartilhamento de experiências de vidas (*Erfahrung*) e sua constituição fetichizada pelos meios virtuais. Nessa tensão ontológica, adotamos um possível diálogo entre Walter Benjamin e o poeta Manoel de Barros, pelo método do desvio, para encontrar a legitimidade formativa do Museu da Pessoa. Pela perspectiva de Benjamin, identificamos na obra *O colecionador* bases para a redenção do fabricado de seus meios de produção, e no *Livro Sobre nada* de Manoel de Barros encontramos a libertação poética da funcionalidade originária das coisas para uma “aura” narracional das coisas feitas que possa cancelar o Museu da Pessoa. Por fim, a justificação da confluência epistemológica entre os autores assinala uma nova categoria de análise sobre o Museu da Pessoa: compreendê-lo como espaço de resistência da memória coletiva, que ainda persiste em nos dizer que somos humanos.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu da Pessoa; Narração; Experiência; Memória; Formação Humana.

## *MUSEU DA PESSOA AND ITS REDEMPTION IN GLOBAL TIMES: DIALOGUE BETWEEN WALTER BENJAMIN AND POET MANOEL DE BARROS*

## ABSTRACT

The article reflects the authenticity of the Museu da Pessoa (1991), which is understood in the paradox: cultural space through the sharing of life experiences (*Erfahrung*) and its fetishized constitution by virtual media. In this ontological tension, we adopt a possible dialogue between Walter Benjamin and the poet Manoel de Barros, through the deviation method, to find the formative legitimacy of the Museu da Pessoa. From Benjamin's perspective, we identify in the work *O collector* bases for the redemption of the manufactured from its means of production, and in the book *Sobre nada* by Manoel de Barros we find the poetic release of the original functionality of things so that the “aura” of the work of art seal the Museum of the Person. Finally, the justification for the aesthetic confluence between the authors points to a new category of analysis on the Museum of the Person: understanding it as a space of resistance for collective memory, which still persists in telling us that we are human.

## KEYWORDS

Museum of the Person; Narration; Experience; Memory; Human formation.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), do Núcleo de Cultura, História e Filosofia da Educação. Graduada e Mestra em Direito pela UNIMEP. Docente da UNIMEP e da Faculdade Pecege.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da UNIMEP do Núcleo de Cultura, História e Filosofia da Educação.

<sup>3</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento De Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil.

## *LE MUSEU DA PESSOA ET SA RÉDEMPTION À L'HEURE DU MONDE: DIALOGUE ENTRE WALTER BENJAMIN ET LE POÈTE MANOEL DE BARROS*

### RÉSUMÉ

L'article reflète l'authenticité du Museu da Pessoa (1991), qui est compris dans le paradoxe : l'espace culturel à travers le partage d'expériences de vie (Erfahrung) et sa constitution fétichisée par les médias virtuels. Dans cette tension ontologique, nous adoptons un dialogue possible entre Walter Benjamin et le poète Manoel de Barros, à travers la méthode de la déviation, pour retrouver la légitimité formative du Museu da Pessoa. Du point de vue de Benjamin, on identifie dans l'ouvrage *O collector bases* pour le rachat du fabriqué à partir de ses moyens de production, et dans le livre *Sobre nada* de Manoel de Barros on retrouve la libération poétique de la fonctionnalité originelle des choses afin que le "aura" de l'œuvre d'art scelle le Musée de la Personne. Enfin, la justification de la confluence esthétique entre les auteurs marque une nouvelle catégorie d'analyse sur le Musée de la Personne: l'appréhender comme un espace de résistance pour la mémoire collective, qui persiste encore à nous dire que nous sommes humains.

### MOTS-CLÉS

Musée de la Personne; Narration; De l'expérience; Mémoire; Formation humaine.

## *MUSEU DA PESSOA Y SU REDENCIÓN EN TIEMPOS GLOBALES: DIÁLOGO ENTRE WALTER BENJAMIN Y EL POETA MANOEL DE BARROS*

### RESUMEN

El artículo refleja la autenticidad del Museu da Pessoa (1991), que se entiende en la paradoja: el espacio cultural a través del intercambio de experiencias de vida (Erfahrung) y su constitución fetichizada por los medios virtuales. En esta tensión ontológica, adoptamos un posible diálogo entre Walter Benjamin y el poeta Manoel de Barros, a través del método de la desviación, para encontrar la legitimidad formativa del Museu da Pessoa. Desde la perspectiva de Benjamín, identificamos en la obra *O coleccionista bases* para la redención de lo fabricado a partir de sus medios de producción, y en el libro *Sobre nada* de Manoel de Barros encontramos la liberación poética de la funcionalidad original de las cosas para que el "aura" de la obra de arte sella el Museo de la Persona. Finalmente, la justificación de la confluencia estética entre los autores marca una nueva categoría de análisis sobre el Museo de la Persona: entenderlo como un espacio de resistencia para la memoria colectiva, que aún persiste en decirnos que somos humanos.

### PALABRAS CLAVE

Museo de la Persona; Narración; Experiencia; Memoria; Formación humana.

## INTRODUÇÃO

Quem não gosta de ouvir boas histórias, ou de compartilhar suas experiências? Grosso modo, bem poucas pessoas! Em tempos de globalização, diante do neoliberalismo que nos impõe novas relações sociais pela contração do tempo — imediatismo, pressa, urgência — em função do mercado, trabalho e consumo, é quase inadmissível pensar em tempo para a troca de experiências com o Outro.

Também, deve-se considerar a natureza ambígua da revolução digital — Internet e mídias sociais — que a um só golpe facilitou-nos a vida pelo alívio da imposição do cronômetro produtivo do sistema capitalista, com acessos rápidos e saberes abundantes; mas trouxe-nos o prejuízo da relação humana e do próprio valor de nossa subjetividade, por ficarmos isolados em nossas *ilhas de comando virtual*, se considerarmos como verdadeira a proposição que só nos outros podemos reconhecer a nossa identidade. Walter Benjamin, em seu tempo de mundo, já comprovava essa precarização em seu texto *Experiência e pobreza* (1987)

Não. Está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. (BENJAMIN, 1987, p. 114-115).

A crítica de Benjamin não se fecha na temporalidade do contexto da I Guerra Mundial (1914–1918), pois ele não se deixa capturar pelo tempo linear progressista, mas pelo desvio de *seu método histórico*, transformando acontecimento em *factum*<sup>4</sup>, deslocando sua potente crítica quanto ao empobrecimento da experiência do nosso tempo; pois, o que marca o tempo daquela *mudez benjaminiana* (BENJAMIN, 1987, p. 115) nas relações humanas é a ausência da experiência comunicável (*Erfahrung*)<sup>5</sup> pelo ambiente da guerra: no tempo de Benjamin, era o Capitalismo da 2ª Revolução Industrial; em nosso tempo, o neoliberalismo e suas armas da globalização. A Revolução Industrial de nossa era já está apontando para a sua 4ª edição, cunhada em 2016, por Klaus Schwab, fundador do *World Economic Forum*, em seu livro *A quarta Revolução Industrial* (2016), em que mundos físico, digital e biológico se fundem para criar promessas à sociedade e possíveis perigos.

---

<sup>4</sup> O termo latino *factum* significa, ao que parece, “predito” (por oráculo), o conjunto das “coisas ditas” (*fala*) acerca do futuro.

<sup>5</sup> Em seu ensaio *Experiência e pobreza* (1987 [1933]), Benjamin destaca a vivência particular (*Erlebnis*) do pai vinhateiro, que à beira da morte passou a transmitir uma herança (*Erfahrung*) aos filhos (BENJAMIN, 1987, p.114). Logo, adotamos o conceito de “subjetividade benjaminiana” baseada na “experiência coletiva” a qual depende de relações interpessoais, da narratividade alheia, que nos afeta transformando a vida e a história.

Neste sentido, *por se constituir em um ambiente virtual, seria possível pensar o Museu da Pessoa apenas como reprodutibilidade técnica dos meios tecnológicos ou como possibilidade de redenção formativa em tempos de relações midiáticas?* Essa é a problematização que impulsiona a nossa pesquisa, haja vista que todos os meios de comunicação poderiam pressupor, apressadamente, certa crítica do agenciamento da globalização, ou mundialização, que está a serviço do sistema capitalista dominante.

A industrialização global e seus condicionantes virtuais — *modus operandi* — trouxeram grandes impactos nas relações humanas, as quais, para além do desenvolvimento visível, se veem enredadas dentro da guerra tácita do neoliberalismo, cuja batalha sangrenta não mais se alimenta de corpos que caem nas trincheiras, como na I Guerra Mundial (1914–1918), mas sim da *passividade da alienação* provocada pela sua nova arma mortal: o fascínio do mercado que captura mentes e subjetividades pela lógica da massificação; pela objetificação do indivíduo à *mônada* de si mesmo, o individualismo; e pela alta instrumentalidade racional técnica a qual esteriliza relações humanas e que encontra o seu núcleo no projeto de mercadorização da vida.

As evidências da precarização das relações humanas de hoje são cada vez mais contundentes pelas manifestações reificadas nas mídias sociais, internet, computadores, celulares, substitutos incondicionais dos lugares de encontros, das experiências compartilhadas, da escuta atenta, da fala afetiva cuja linguagem é selada pelo olhar, do poder acolhedor do abraço e tantas outras ações humanas que foram desincorporadas de nosso cotidiano relacional, pela pressa, pelas muitas tarefas, pelo culto ao individualismo em tempos de globalização.

Nesse aspecto, o *silêncio benjaminiano de hoje* não se funda mais na desmoralização da experiência de uma guerra histórica que findou; mas na vivência da guerra pelo mercado que é condição *sine qua non* para a adaptação do ser social na sociedade (mercado e trabalho), pela qual precariza nossas experiências e, por consequência, a nossa própria subjetividade.

Assim, as experiências estão em baixa porque não temos o que narrar em função do processo de calculabilidade da vida e sociedade. Ou seja, o *empobrecimento das experiências comunicáveis* pressupõe esvaziamentos de espaços e tempos formativos humanos: escuta e compartilhamento de experiências com o outro (aprender e ensinar); leitura (livros, literatura, romances); entregar-se à comunicabilidade das obras artísticas e ao silêncio como linguagem de sensibilização etc. Em grande medida, essas condições formativas foram arrancadas/apagadas da sociedade sob a égide da valorização da comunicação instantânea e apenas informacional, dotada de um apelo imagético de cores e sensações que não nos permite desenvolver a própria experiência. Logo, o empobrecimento da experiência não é mais consequência, mas princípio motor do *ethos* capitalista hodierno.

À guisa desses primeiros comentários, diante dessa guerra irrecusável do mercado neoliberal que nos empobrece, como poderíamos nos proteger? Poderíamos encontrar espaços de resistência para a preservação e formação de nossa subjetividade, em meio a um mundo unidimensionalizado pela razão instrumental objetiva em tempos globais?

A hipótese que orienta a nossa pesquisa é a de que o Museu da Pessoa, espaço virtual e colaborativo, criado com o objetivo de registrar e preservar histórias de vidas de toda e qualquer pessoa, tornou-se um desses espaços de resistência, reduto privilegiado de redenção da *Erfahrung*, mesmo diante da constatação de seu paradoxo ontológico, por ser engendrado nas relações midiáticas pela globalização, que estão alinhadas à lógica capitalista, revelou-se um espaço de transformação humana. Logo, o objetivo do artigo é analisar a contradição do Museu da Pessoa que, apesar de sua origem midiática, é um espaço/tempo de experiência humana.

Adotamos como mote de nossa pesquisa o diálogo crítico da filosofia de Walter Benjamin, em *O Colecionador* (2007), e a poesia insurgente de Manoel de Barros no *Livro sobre nada* (1996). Para tal confluência epistemológica, usamos o *método benjaminiano do desvio* que, pelo olhar desviante e inventivo da criança, consegue compor novos relatos e histórias com um repertório de representações fora dos quadros cartesianos. Ou seja, Benjamin se desvia do método historiográfico científico, mas se vale de recursos formais, a exemplo do que é “Infância em Berlim ...” e “Rua de Mão Única” com suas imagens de pensamento. Seu método, seu “desvio”, é a (forma da) rememoração (*Eingedenken*) — conceito que compreende um “entrecruzamento de vida pessoal e história” — algo que, inclusive, se interpõe na própria ideia de experiência comunicável (*Erfahrung*). Assim, Benjamin encontra formas alternativas para representar o que, em geral, escapa às categorias e procedimentos chancelados pela ciência, como a técnica da montagem, a metáfora ou alegoria — literatura, poesia, teatro — para alcançar o conhecimento verdadeiro: “Método é caminho indireto, é desvio” (BENJAMIN, 1985, p. 50).

### A HISTÓRIA DO MUSEU DA PESSOA E SUA CONTRADIÇÃO

O Museu da Pessoa, fundado em São Paulo no ano de 1991, é um museu virtual e colaborativo, que conta com um portal na Internet e que tem por propósito, desde a sua origem, registrar, preservar e publicizar histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade (MUSEU DA PESSOA, s.d.1). Sua missão é transformar a história de toda e qualquer pessoa em patrimônio imaterial da humanidade; sua visão é ser um museu em cada mão<sup>6</sup> e

---

<sup>6</sup> A ideia do Museu da Pessoa é fazer com que qualquer pessoa seja acervo, curadora ou visitante. A tecnologia social de memória do Museu da Pessoa reúne práticas, conceitos e princípios para fomentar o registro, a preservação e a disseminação de memória de famílias, grupos, organizações e comunidades (MUSEU DA PESSOA, s.d.1).

seus valores são: escuta, democratização da memória, protagonismo, colaboração, justiça social (MUSEU DA PESSOA, s.d.1).

Constituído como uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos, o Museu da Pessoa tem sua sede de trabalho na cidade de São Paulo e teve seu site inaugurado em 1997. Em 2003, lançou o seu portal com ferramentas próprias para pessoas e comunidades criarem sua própria coleção de histórias (MUSEU DA PESSOA, 2005).

Poderíamos perguntar: *por que um Museu, constituído por um acervo de depoimentos orais e experiências seria novidade, se desde a década de 60 museus de imagem e som foram criados para preservar histórias orais de personalidades locais?* Diferente, todavia, dos museus da imagem e som, o Museu da Pessoa nasce como um museu virtual de histórias de vida, um museu, portanto, configurado para além de um espaço físico, “um espaço de interação através de ações museológicas com o seu público” (HENRIQUES, 2012). Diferente, ainda, pelo fato de que o Museu da Pessoa não apenas realiza o registro de histórias das grandes personalidades, mas também de qualquer pessoa, democratizando socialmente experiências de vidas.

A experiência brasileira do Museu da Pessoa já inspirou a criação de três núcleos internacionais que hoje compõem a Rede de Núcleos do Museu da Pessoa: Braga – Portugal, Bloomington, em Indiana – EUA e Montreal, Quebec – Canadá. Com a *ideia de virtualidade*, o Museu oportuniza a divulgação, a consulta e interação das histórias de vida, indo além, para o estímulo do registro por parte daqueles que o acessem, fazendo com que cada pessoa se torne um curador de seu próprio acervo ali depositado. Assim, com a certeza de que a “História nunca está pronta nem é absoluta” e de que “O fazer histórico é um processo permanente, vivo, que diz respeito a todos nós” (MUSEU DA PESSOA, 2009, p. 11), algo permanece: a narrativa, sejam elas produzidas por atores do presente ou do passado.

Segundo Henriques (2012), dois grupos de conceitos podem caracterizar o Museu da Pessoa: “o primeiro grupo diz respeito ao uso da memória e o segundo grupo a forma de produção dessa memória”. O primeiro grupo retrata a percepção do Museu da Pessoa, isto é, de que toda história de vida é patrimônio imaterial do grupo social ao qual ela pertence, patrimônio que deve ser preservado; daí o segundo grupo se faz presente, trabalhando na preservação da memória e na divulgação para que outras gerações tenham acesso à memória social, que pode influenciar o próprio indivíduo e transformar a realidade social no tempo presente.

A narrativa é sempre contada por alguém, por pessoas, personagens e autores de histórias, em um processo vivo, feita no presente e passível de ressignificação no futuro. Cada história tem seu valor próprio, único, portanto, merecendo ser preservada e conhecida

para e por todas as gerações, a fim de que seja ouvida e usada, contribuindo para uma nova memória social, plural e democrática (MUSEU DA PESSOA, 2009, p. 13).

Entendendo que histórias de vida são fontes privilegiadas de informação/sabedoria, que podem se converter em poderosas ferramentas educacionais — *formativas* —, desde que sua apuração e disseminação sejam orientadas por um propósito epistemológico, o Museu da Pessoa passou a buscar uma metodologia própria.

Surgiu, então, o grande desafio: “Como criar uma metodologia que mostrasse por meio de evidências que as histórias de vida do nosso acervo geram conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e grupos?” (MUSEU DA PESSOA, 2021, p. 2).

Foi então que, entre 2018 e 2020, o Museu da Pessoa realizou uma pesquisa com usuários de sua plataforma virtual e pessoas formadas na tecnologia social da memória, intitulada “O contato com histórias de vida contribui com o combate à intolerância?”, para que essas próprias pessoas pudessem contar o que mudou a partir do momento em que tiveram acesso às histórias de vidas disponíveis no acervo do Museu. Por meio dessa pesquisa foi possível evidenciar que muitos participantes observaram mudanças em suas formas de pensar e agir, dentre elas:

- intensidade e frequência do vínculo com as pessoas com quem se convive, tais como família, amigos e trabalho;
- aprimoramento da qualidade da escuta;
- percepção da relevância social e sentimento de motivação para intervir socialmente contra a intolerância;
- ampliação da empatia com as pessoas em sua diversidade; aumento da compreensão sobre questões sociais que levam à intolerância, como discriminação e desigualdade.

Nesse sentido, o Museu da Pessoa criou seu programa educativo com a finalidade de ajudar pessoas, comunidades e organizações a serem produtoras, guardiãs e disseminadoras de narrativas de vida. O programa oferece roteiros e métodos para professores utilizarem histórias de vida em sala de aula, montarem suas próprias coleções de histórias ou lançarem mão do acervo virtual do Museu da Pessoa para produzir materiais pedagógicos.

A metodologia para registro e difusão de narrativas pessoais, baseadas nas técnicas da História Oral, sistematizada pelo Museu da Pessoa, foi transformada em tecnologia social, conceito este que compreende produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam efetivas soluções de transformação social, tendo como pilar o processo de construção de histórias de vida a partir da história oral. Para a apropriação dos conceitos e da metodologia utilizada na realização de projetos de memória, o Museu da Pessoa produziu algumas publicações para sua disseminação:



- Tecnologia Social da Memória<sup>7</sup>;
- História Falada – Memória, rede e mudança social<sup>8</sup>;
- Memória Social – Uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local<sup>9</sup>.

Dentre as ações aplicadas pelo Museu da Pessoa para a disseminação da Tecnologia Social da Memória, por sua vez, estão:

- Memória local na escola<sup>10</sup>;
- Todo lugar tem uma história para contar<sup>11</sup>.

O Museu da Pessoa, portanto, com seus projetos e ações da tecnologia social da memória, contribui no estímulo para que pessoas, por si mesmas, *contem e ouçam suas histórias de vida*, “colaborando com o desenvolvimento de uma sociedade que reconhece e valoriza o Outro” (MUSEU DA PESSOA, 2005, p. 199).

Até aqui, discorremos acerca da narrativa; todavia, além da fala, é preciso dar relevância ao valor da escuta. Mas por qual razão levantamos essa suposição? Pelo fato de que, quando o Museu da Pessoa oportuniza um projeto educativo que capacita pessoas para serem produtoras, guardiães e disseminadoras de narrativas de vida, essas pessoas têm a oportunidade de *serem ouvidas* — independentemente de seu status social —, tornando a experiência de existir do indivíduo uma singularidade que não se apaga com a morte. O Museu da Pessoa, portanto, coloca a vida do Outro como algo realizável, pensável, que oportuniza um olhar atento para a educação dos sentidos, pela linguagem e pela arte da escutatória. “O grande valor do Museu da Pessoa é a escuta, pois vem da escuta a possibilidade de transformação de cada um” (MUSEU DA PESSOA, s.d.1). “A busca do Outro só se faz a partir de nós mesmos” (DINES, 2005, p. 176).

Voltando à arte da escutatória, em geral, não conseguimos nos ouvir, obter experiências significativas a partir de nossa fala; sempre precisaremos de nosso interlocutor, o qual interage conosco — *pela fala ou escuta atenta* — no sentido da produção da memória

---

<sup>7</sup> Para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias. Conceitos e sugestões de atividades para construir coletivamente um projeto de memória. (MUSEU DA PESSOA, s.d.2).

<sup>8</sup> Metodologia de entrevista de história de vida, palestras e artigos produzidos para o Seminário Memória, Rede e Mudança Social, realizado em 2003 pelo Museu da Pessoa e Sesc São Paulo. (MUSEU DA PESSOA, s.d.2).

<sup>9</sup> Aplicação da Tecnologia Social da Memória com um grupo de gestores das unidades do Senac participantes da Rede Senac. (MUSEU DA PESSOA, s.d.2).

<sup>10</sup> Operando desde 2001, Memória Local na Escola desenvolve iniciativas de formação de professores do ensino fundamental, médio e EJA visando à realização de projetos de memória de uma localidade, com a participação ativa dos alunos (MUSEU DA PESSOA, s.d.2).

<sup>11</sup> Esta ação mobiliza agentes e líderes locais, produz diagnósticos socioculturais e realiza projetos de história de uma localidade. As fontes primárias desses projetos são moradores locais que têm ou tiveram papel relevante na vida da cidade ou comunidade (MUSEU DA PESSOA, s.d.2).



e da experiência (*Erfahrung*) coletivas. Foi justamente o que um dos participantes da pesquisa relatou: “A gente não se escuta e a gente nunca se escutou. Somos muito acostumados a olhar para si, e não vemos o quanto é importante a pessoa ser ouvida” (MUSEU DA PESSOA, 2021, p. 6).

Nessa perspectiva, as palavras que se expressam pelo enunciado, em conjunto com gestos e entonações precisam ser ecoadas, não ao léu, mas internamente, de forma que sejam escutadas e dotadas de sentido, não somente para aquele a quem se dirige, mas sim e sobretudo àquele que fala.

Quando o Museu da Pessoa oportuniza o registro de narrativas, além de ele “ressuscitar: digamos assim, a arte de contar histórias (em diálogo com o texto de W. Benjamin), de forma a conservá-las, seu espaço possibilita a resignificação da própria experiência no fazer, na relação entre o singular/particular e o coletivo. Um dos participantes da pesquisa citada relatou: “Passei a valorizar mais a minha própria história e perceber que a história de cada um faz parte de um todo, da história de todos” (MUSEU DA PESSOA, 2021, p. 6).

É importante assinalar que esses narradores não narram o saber de coisas (informações), mas narram o *saber de a experiência*, da mesma forma que esses narradores não opinam sobre algo que se sentem informados; quando narram, pensam, se olham, se escutam, se sentem, suspendem a opinião, suspendem o juízo, cultivam a atenção e a delicadeza, abrem os olhos e os ouvidos, falam sobre o que os acontece, aprendem a lentidão, escutam aos outros, cultivam a arte do encontro, calam muito, têm paciência e dão-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24). Foi exatamente o que o acesso às histórias do Museu da Pessoa oportunizou a outro participante da pesquisa, que afirma: “aprendi a escutar e a saber o que dar de retorno para a pessoa com quem converso. Retornos relevantes para o outro. Ou ainda quando é melhor o silêncio. Entender o lugar de fala do outro. Fiz uma ‘reciclagem’ do ouvir e falar” (MUSEU DA PESSOA, 2021, p. 6). Paradoxalmente, nesse espaço e tempo virtuais, entendido como território do domínio da globalização, temos a oportunidade de resgatar a experiência coletiva — *Erfahrung* — tão cara para a formação humana e para a constituição da própria subjetividade.

Nessa perspectiva, o Museu da Pessoa foi acolhido nesse espaço de estudo por portar potencialidades de condições que restituem a narrativa a um espaço partilhado que dá forma à experiência coletiva, que envolve a percepção integral do Outro, com toda a riqueza de suas diferenciações, revelando o valor imprescindível de sua linguagem falada e ouvida. Mesmo mediatizado por condições virtuais, marcado pela globalização, que está a serviço do Neoliberalismo, o Museu da Pessoa pode ser chancelado como *espaço e tempo* privilegiados, de resistência para a experiência e formação humanas, como na arte de um colecionador que transforma algo comum em relíquia e/ou como na *linguagem da poesia*

*insubmissa* que combate a ideia da irrestrita produtividade das coisas, desfuncionalizando-as de sua originalidade vazia para dar-lhes autenticidade e nova vida.

## MUSEU DA PESSOA – O RESGATE DO COLECIONADOR BENJAMINIANO

“Todas essas velharias têm um valor moral”  
(Baudelaire)<sup>12</sup>.

Walter Benjamin, em seu livro inacabado *Passagens* (2007), o que não significa incompleto, do ponto de vista da relevância dos seus escritos, nos traz o texto *O colecionador*. Para um colecionador genuíno, tudo pode ser colecionável, do ponto de vista do olhar atento do colecionador que é *capturado pelo objeto*, precisamente pelo seu interesse de encontrar vestígios de experiências, fragmentos de histórias, resíduos de memórias.

O colecionador é um viajante *por excelência* uma vez que resgata, numa *atitude de redenção*, o objeto que reclama o socorro de sua dimensão de falência:

Foi aqui o último refúgio das criaturas-prodígios que viram a luz do dia em exposições universais como mala com iluminação interna, canivete de um metro de comprimento ou cabo de guarda-chuva patenteado, com relógio e revólver. E ao lado dessas gigantescas criaturas degeneradas, a matéria semi-acabada, atolada. Percorremos o corredor estreito e escuro até o lugar onde, entre uma livraria com liquidações, na qual maços de papel empoeirados e amarrados com barbante expressam todas as formas de falência [...]. (BENJAMIN, 2007, p. 237).

Destarte, adotamos o Museu da Pessoa como *instância de redenção* da experiência coletiva diante do progressismo neoliberal irrefreável que a tudo reifica em coisa, inclusive o próprio homem; precisamente por se tornar, aqui, uma espécie de *reliquia benjaminiana*, ou seja, um reduto de valorização dos objetos do meios de produção, que podem ser compreendidos e significados no campo da memória, pois nem tudo que se produz é descartável, redimensionando-os para o lugar da compreensão de novos sentidos e experiências que possam fomentar a subjetividade humana em uma moldura espaço-temporal:

O mais profundo encantamento do colecionador consiste em inscrever a coisa particular em um círculo mágico no qual ela se imobiliza, enquanto a percorre um último estremecimento [...]. Tudo o que é lembrado, pensado, consciente torna-se suporte, pedestal, moldura, fecho de sua posse. (BENJAMIN, 2007, p. 239).

Em um sentido análogo ao *messianismo benjaminiano* que dá voz e vida às vítimas esquecidas na história oficial dos vencedores, o colecionador redime o objeto dos seus meios produtivos — da reprodutibilidade industrial — para que ele possa ganhar vida pela unicidade de sua própria existência, no sentido mais autêntico que pode ganhar a sua originalidade.

---

<sup>12</sup> Charles Baudelaire (1857), citado por Walter Benjamin nas *Passagens* (2007, p. 237).

Nesse sentido, encarnamos a figura do *coleccionador* benjaminiano para circunscrever o Museu da Pessoa nesse *círculo valorativo da experiência*<sup>13</sup>, o círculo mágico que Benjamin comenta, justamente para ele se tornar o lugar privilegiado da experiência humana, de todos que queiram compartilhar suas histórias de vida.

Liberto das amarras que o prendem, do entretenimento de uma mercadoria virtual filiado ao pragmatismo da globalização, o Museu da Pessoa passa a usar os próprios meios de comunicação para desvelar importantes linguagens ao colecionador — o público que o acessa —, o qual pode escutar suas histórias e experiências (*Erfahrung*). Assim, o Museu da Pessoa é salvo da estrita funcionalidade do *mundo da informação*, o qual solapa a experiência humana, pois: “uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível” (BONDÍA, 2019, p. 20). Reafirma Bondía:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. [...] A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. (BONDÍA, 2019, p.18).

Os objetos colecionados, incorporados no Museu da Pessoa, libertam o seu colecionador da tirania da falta de percepção, que nos acomete pela falta da linguagem, pela ausência da escuta, pela falta de atenção, pela pressa e desvalorização da vida, do outro e das relações humanas em um mundo fortemente superficializado pelas relações líquidas (BAUMAN, 2011) e descartáveis. O colecionador liberta o objeto de sua falência da mesma maneira que o objeto liberta o colecionador de sua dessensibilização, tão comum nos dias de hoje.

O colecionador — o público que acessa o Museu da Pessoa — parece se desarticular temporariamente do mundo em que vive — uma espécie de alienação combativa e consciente — pelo olhar, que recusa da lógica do sistema que o embrutece para a retomada do valor da vida e suas experiências transformadoras: “o colecionador consegue lançar um olhar incomparável sobre o objeto, um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas” (BENJAMIN, 2007, p. 241).

Uma das *experiências* mais marcantes, por esse olhar diferenciado, lançado sobre o Museu da Pessoa, é a sua distinta valorização da *palavra*. A *palavra* é retomada com toda a sua potência originária/criativa, assinalando novas compreensões, significados e sentidos às experiências que (nos) passa ou (nos) acontece, pela simples razão de que elas podem ser

---

<sup>13</sup> “Experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, em algumas vezes, quando cai em mão de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço” (BONDÍA, 2019, p. 10). Entendemos que o Museu da Pessoa se torna um desses lugares de “tremor”.

ouvidas novamente — fora do cronômetro produtivo do sistema — pela proteção do *círculo mágico* dos colecionadores: os integrantes do Museu da Pessoa, os quais se rendem à narratividade e à escutatória.

Cada palavra torna-se única, que transmite e gera (em potencial) experiências que geram a renovação do pensamento, a mudança da atitude ordinária e a possível transformação da própria vida. O Museu da Pessoa, então, revela-se a moradia das palavras, as quais transmitem e geram (em potencial) experiências, e por consequência, forjam memórias vivas.

E isto a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (BONDÍA, 2019, p. 16).

Segundo Aristóteles, o homem é *zôon lógon échon*. A tradução dessa expressão é muito mais que um “animal dotado de razão”, sobretudo, um “vidente dotado de palavra”, pois “damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos” (BONDÍA, 2019, p. 17). O resgate da palavra que dá sentidos e significados às experiências necessita de um espaço público para ter existência e validar-se culturalmente. Como em Benjamin e em sua ideia de coleção, no Museu da Pessoa a experiência (*Erfahrung*) adquire a “força de erguer-se novamente apoiando-se em uma tábua de salvação, e a peça recém-adquirida emerge como uma ilha no mar de névoas que envolve os sentidos” (BENJAMIN, 2007, p. 239).

## DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE WALTER BENJAMIN E MANOEL DE BARROS

Manoel de Barros (1916–2014) é conhecido pelo exercício infantil de brincar com as palavras em suas obras literárias, chamando-nos à atenção do olhar que perdemos – olhares que já tivemos e não nos lembramos mais –, da inocência e simplicidade que soterramos e da vida relacionada aos objetos que desvalorizamos. Sua escrita inscreve-se na ordem do retorno às bases do mundo da infância: do sonho desprezioso, do maravilhamento pela curiosidade, da imaginação aguçada e insurgente e do descobrimento da palavra libertadora. Em especial, a poesia de Manoel de Barros está inserida em uma gramática explosiva que nos obriga a refletir sobre a nossa conformidade passiva com o sistema dominante.

Walter Benjamin (1882–1940), filósofo alemão, crítico literário e historiador, provavelmente, direta ou indiretamente, foi lido pelo poeta. Benjamin apresenta em comum

com o poeta o texto de *Infância em Berlim por volta de 1900*, que traz um instigante retorno à infância como ponto de referência para não perder o passado, do qual se pode ouvir os primeiros lampejos sonoros do futuro. “A memória da infância em Berlim não é a busca do passado ou da subjetividade do menino Benjamin, mas a do entrecruzamento de vida pessoal e história” (MURICY, 1998, p. 14). Sobre essa memória em Berlim, Walter Benjamin compreende a vida pela História e, também, a História pela vida, em um *percurso desviante* que se opõe à lógica da historiografia oficial linear triunfante, a qual engendra documentos oficiais que o sistema dominante assinala como modelos universais.

Para Benjamin (1987), essa técnica historiográfica oficial apaga os rastros das pessoas comuns; pessoas esquecidas, marginalizadas, cujos testemunhos vivos, se ganharem vozes e escutas, podem elucidar outras histórias, outras experiências, cuja dimensão mais valorativa é o resgate da memória viva e da sensibilização da subjetividade humana. Todos temos uma história para contar, uma experiência a compartilhar que nos torna vivos, sem contar que, enquanto depomos de nossa própria experiência, somos estranhados/surpreendidos pela nossa própria escuta: encontramos a nossa identidade e o lugar de nosso pertencimento.

Assim, pelo *método do desvio do olhar valorativo*, o Museu da Pessoa se constitui como o lugar da escuta das vozes esquecidas ou desconsideradas pela historiografia científica: da história do passado que se constrói em esperança para o futuro, enquanto nos afirma como condição humana no presente. A partir desse jogo de criança, abrimos um diálogo possível entre os escritos de Benjamin (*O Colecionador*) e a poesia de Manoel de Barros (*Livro sobre nada*), pois, segundo Benjamin: “a criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento e trem (BENJAMIN, 1987, p. 108).

Portanto, para esse itinerário de estudos será preciso, inexoravelmente, se deixar levar pela dialeticidade do jogo da criança, que não apenas imita para encontrar o ponto referencial de sua identidade; mas, sobretudo, descobrir novas compreensões do mundo pelas asas do seu moinho de vento e pela força da subversão imaginativa de seu trem, com janelas panorâmicas para a autenticidade da vida. Nesse ponto de bifurcação entre os autores, valida-se o objetivo de nosso artigo: consolidar a autenticidade do Museu da Pessoa como espaço para a *Erfahrung*.

## ENTRE O RESGATE BENJAMINIANO E A DESFUNCIONALIDADE DE BARROS

“Arte, história, cultura, política, literatura e teologia são inseparáveis” (LÖWY, 2005, p. 14).

Em seu texto *O Colecionador*, Walter Benjamin atribui à figura do colecionador o movimento de resgate do objeto, operando primeiramente pelo *desligamento de sua funcionalidade originária*, como em um procedimento de retirada das várias camadas de

precificação que tornam o objeto uma simples mercadoria, encobrando-o de sua particularidade, sua unicidade:

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta “completude”? É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente novo, criado especificamente para este fim: a coleção. (BENJAMIN, 2007, p. 239).

Nesse aspecto, o Museu da Pessoa torna-se essencialmente uma *coleção de experiências narráveis*, uma coleção de narrativas [de experiências] que podem se transformar ainda em experiências narráveis (por aqueles que as escutam e as transmitem) que, seguindo a perspectiva Benjaminiana, deve ser desligado de sua funcionalidade originária, instaurada pelos meios virtuais da globalização, para não ser confundido como mercadoria/fetichismo/mercado.

Essa atitude deslegitima o Museu da Pessoa da possível crítica de sua contradição virtual, embora não escapando dela, por ser resultado das relações produtivas da globalização, que não se confunde com o entretenimento da Indústria cultural<sup>14</sup>.

Manoel de Barros, em seu *Livro sobre nada* (1996), evoca poemas curtos em que desconstrói o funcionalismo universal dos objetos para reorganizá-los em um novo mundo através do *milagre da desfuncionalização*, semelhante à redenção do colecionador benjaminiano, que salva as suas relíquias.

Enquanto Benjamin singulariza o objeto colecionado pela sua redenção dos meios de produção, Barros transforma a utilidade dos objetos em desuso para que eles tenham nova vida pela intransigente adesão a tudo que não tem importância: “o que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer. Coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora” (BARROS, 1996, p. 7). Por este *novo olhar*, como o colecionador benjaminiano, Barros destitui os objetos (incluindo as palavras) de um determinismo utilitário (desfuncionaliza-os):

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar:  
quando cheias de areia de formiga e musgo – elas  
podem um dia milagrar de flores.  
(Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)  
Também as latrinas desprezadas que servem para ter  
grilos dentro – elas podem um dia milagrar violetas.  
(Eu sou beato em violetas.)  
Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam  
a Deus.  
Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!  
(O abandono me protege). (BARROS, 1996, p. 57).

<sup>14</sup> Indústria Cultural. Conceito desenvolvido por Adorno e Horkheimer, da Teoria crítica social, que se refere à ideia de produção em massa da obra artística para o mercado e consumo, gerando padrões de gosto na sociedade.

Segundo Barros, o abandono das coisas vãs e superficiais nos protegem! A poética de Barros nos obriga a parar para pensar sobre a nossa pressa desmedida como condição de desvalor da vida; e isso implica, fundamentalmente, em combater a desimportância das coisas que o senso comum não atribui valor, dando-as originalidade, como o colecionador benjaminiano.

Em dialeticidade com Benjamin, Barros desfuncionaliza objetos das cadeias dos meios de produção para criticar, agudamente, a desfuncionalização de nossa própria sociedade, a qual afirma a sua identidade sobre os pilares do consumo, mercado e trabalho excessivos. Segundo Barros, é preciso retornar ao *nada*; às coisas simples, cotidianas, que deixamos de valorizar, e só as enxergamos quando as perdemos. Tudo pode ser transformado e reaproveitado para o desenvolvimento de novas experiências, a partir de uma sensibilização pela faculdade do imaginar (*Erfahrung*): olhar atento, aguçar a escuta, palpar em milagres o outro, e por isso ser transformado. Segundo Barros: “os outros: o melhor de mim sou eles” (BARROS, 1996, p. 73).

Nesse fluxo poético, a partir de uma alegoria vibrante, Barros pode nos revelar que é possível as pessoas consideradas sem importância ou esquecidas na *sociedade* — histórias marginais, vozes negadas, seres desclassificáveis, gente comum — milagrar em experiências comunicáveis (*Erfahrung*).

Para esse acontecimento transformador, a arte deve estar a serviço da formação humana como fim em si mesma, pois “a arte não tem pensa:/ o olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê./ É preciso transver o mundo” (BARROS, 1996, p. 75). Nesse sentido, o Museu da Pessoa torna-se o lugar privilegiado para transver o mundo; milagrar em experiências transformadoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos, pela análise do texto *O Colecionador*, de Benjamin (2007), e a poética de Barros (1996) em seu *Livro sobre nada*, que é possível delimitarmos espaços privilegiados para a constituição da experiência coletiva (*Erfahrung*), como o Museu da Pessoa, tão caro para a constituição da subjetividade e memória da relações sociais, em um mundo tão precarizado pelas relações instrumentalizadas pelo sistema capitalista, que acossa a sociedade para um labirinto de objetificação pela mercadorização de tudo que diz respeito à vida. O Museu da Pessoa, apesar de sua idealização pelos meios virtuais, não se constitui uma ferramenta a serviço da globalização, recurso vital para o desenvolvimento do Neoliberalismo.

Ao contrário, podemos perceber, na trajetória dessa análise, que o Museu da Pessoa quando percebido por outro olhar, como o de um colecionador sobre a sua relíquia, ou como



o milagrar transgressor e transformador da poesia, sobre os objetos comuns, determinados ao pragmatismo funcional, ganha vida e pode se transformar em tempo e espaço privilegiados para a valorização da vida pelo processo da narratividade e escutatória.

Nesse sentido, o Museu da Pessoa pode ser considerado como a *Casa das Palavras*, um espaço de salvaguarda das palavras vivas; pois a pressa, o imediatismo e a urgência da vida contemporânea, capitaneada pelo mercado, abrem espaços para a escuta atenta, para o olhar cuidadoso, para os gestos humanos, para troca de experiências...para sermos quem somos. Ou seja, o vazio — a mudez benjaminiana — dá lugar ao silêncio para se ouvir o som da palavra viva que fomenta experiências, as quais são produtoras de memórias, que ganha toda a potência para transformar mundos velhos e criar mundos; tudo dentro de nossa cotidianidade, que ganha o status da exuberância de grandes eventos que prospectamos na vida; no Museu da Pessoa, agora, tudo tem importância, até mesmo os grandes acontecimentos.

Adotamos a linguagem filosófica de Walter Benjamin e a poética de Manoel de Barros por compreendermos que essas formas de representação não estão a serviço da razão instrumental do sistema dominante capitalista, e muito menos pode ser capturada, pois o *método enquanto desvio* (Benjamin) recalitra a ordem vigente do cartesianismo positivista, que a tudo transforma em mercadoria. Também, justificamos essa linguagem por ela estar sempre aberta às novas interpretações e compreensões para a descoberta de *novas experiências coletivas*, tendo em vista que o Outro sempre será o lugar de encontro com a nossa própria identidade, pois não pode haver memória sem o Outro.

Nesse sentido, o Museu da Pessoa compreende-se por essa linguagem privilegiada, não racional — a Palavra nomeadora que evoca novos sentidos aos acontecimentos —, a qual constitui a subjetividade humana em sua diferenciação. Ou seja, o Museu da Pessoa torna-se o lugar de compartilhamento de histórias de vida, que através de *palavras vivas* podem se constituir em experiências vivas que (nos) acontecem, que (nos) tocam, que (nos) atravessam e, conseqüentemente, subsidia a memória viva, pois, segundo Benjamin, em seu texto “Sobre o conceito de história” (1987), publicado em 1940, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “tal como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma recordação, como ela relampeja no momento de um perigo” (p. 243).

Viver é arriscar-se a se expor; abrir-se às possibilidades de relação com o mundo e outro. A vida compreende-se nesse perigo. Talvez, o maior perigo na vida está em não se arriscar.

Nessa perspectiva formativa, o Museu da Pessoa torna-se, também, um referencial educacional mais amplo para educação; pois precisamos transformar escolas em *centros gestacionais de palavras*, onde as mesmas possam ser trabalhadas para o combate do empobrecimento da experiência (*Erfahrung*) e consolidação da memória coletiva. Precisamos

da palavra como construto social e formação da identidade humana, pois o “homem é vivente com palavra [...] se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra” (BONDÍA, 2019, p.17). A pessoa humana não é apenas *ratio*; sobretudo, é *logos*.

No Museu da Pessoa, a palavra de ordem da poética insurgente de Barros pode ser entendida pelo gesto de desaceleração da vida e desfuncionalização das coisas produtíveis em um mundo corroído pela urgência sem sentido e pelo status de competências e habilidades que nos fazem desperceber o humano que somos. É preciso transver o mundo para encontrarmos o vagar diferenciado e atento do colecionador benjaminiano: ele vê, sua memória revê e sua imaginação infringe tudo que possa ser intolerante, hegemônico, preconceituoso, desvalorativo, indiferente... milagrando a vida pela arte do colecionar. Com Barros, aprendemos a desfuncionalizar coisas inúteis; com Benjamin, chega-nos o ensino da sensibilização que, dependendo de nosso olhar podemos atribuir significado ao mundo ao nosso redor como o colecionador e valoração dos objetos colecionados, tornados raros e com um sentido de uma memória. Tudo isso pode ser encontrado em um só lugar: no Museu da Pessoa que, “talvez o motivo recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão” (BENJAMIN, 2007, p. 245).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. São Paulo: Editora Record, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. // BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 237-246.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, jan/fev/mar, n. 19, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

DINES, Alberto. Em busca do Outro: biografias e histórias de vida. // WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Org.). **História Falada: Memória, rede e mudança social**. São Paulo: Museu da Pessoa, SESC SP, 2005. p. 175-178. Disponível em:

<[https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/hist%C3%B3ria\\_falada2.pdf](https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/hist%C3%B3ria_falada2.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2021.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **A experiência do Museu da Pessoa: a história do cotidiano em bits e bytes.** 2012. Disponível em: <[https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1329247967\\_ARQUIVO\\_historia\\_oral\\_rosali.pdf](https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1329247967_ARQUIVO_historia_oral_rosali.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2021.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio.** Uma leitura das teses sobre o “conceito de História. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.

MURICY, Kátia. **Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

MUSEU DA PESSOA. **Avaliação de impacto Museu da Pessoa.** “O contato com histórias de vida contribui com o combate à intolerância?”. 2021. Disponível em: <[https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-avimpecto-museu-da-pessoa\\_02-05-2021-3.pdf](https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-avimpecto-museu-da-pessoa_02-05-2021-3.pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2021.

MUSEU DA PESSOA. **História Falada: Memória, rede e mudança social.** São Paulo: Museu da Pessoa, SESC SP, 2005. Disponível em: <[https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/hist%C3%B3ria\\_falada2.pdf](https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/hist%C3%B3ria_falada2.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2021.

MUSEU DA PESSOA. **O que é o Museu da Pessoa.** s.d.1. Disponível em: <<https://acervo.museudapessoa.org/pt/museu-da-pessoa>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

MUSEU DA PESSOA. **Programa educativo.** s.d.2. Disponível em: <<https://acervo.museudapessoa.org/pt/educativo/area-educativa>>. Acesso em: 14 dez. 2021.

MUSEU DA PESSOA. **Tecnologia social da memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias,** 2009. Disponível em: <[https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro\\_tecnologia\\_social\\_da\\_memoria.pdf](https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/livro_tecnologia_social_da_memoria.pdf)>. Acesso em: 18 dez. 2021.

SCHWAB, Klaus. **Klaus Schwab: Navigating the Fourth Industrial Revolution.** Currency, 2016. Disponível em: <<http://www.biznews.com/wef/davos-2016/2016/01/20/klaus-schwab-navigating-the-fourth-industrial-revolution/>>. Acesso em: 19 dez. 2021.

Recebido em 30 de dezembro de 2021.  
Aprovado em 18 de outubro de 2022.